

Promoção de Saúde Mental no Contexto Escolar

REALIZAÇÃO



PARCEIROS



1/

Introdução

ESTA SÍNTESE DE EVIDÊNCIAS APRESENTA OS RESULTADOS DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS que tratam do tema promoção de saúde mental no contexto escolar – um assunto estudado principalmente por pesquisadores da saúde coletiva, da psicologia e da educação.

No Brasil, o cuidado com a saúde mental de crianças e adolescentes nunca foi tratado como prioritário. Aprimorar as políticas de promoção da saúde mental e das práticas de atenção comunitárias voltadas para crianças e adolescentes é uma tarefa que não pode mais ser adiada (OMS, 2024). Se a presença de transtornos mentais é significativa na população em geral, ela tem crescido de modo mais acentuado entre as pessoas menores de 18 anos.

Estima-se que 11,63% das pessoas entre 5 a 24 anos têm transtornos mentais (Kieling *et al.*, 2014). O mesmo estudo detectou um aumento dos transtornos diagnosticados em três faixas etárias: de 10 a 14 anos; de 15 a 19 anos; e de 20 a 24 anos. Os dados chamam atenção porque os momentos críticos correspondem às etapas de transição da infância para a adolescência, do ciclo escolar e da passagem para a vida adulta.

No Brasil, uma reportagem recente do jornal Folha de S. Paulo, com base em dados disponíveis no Sistema de Informação Ambulatorial do Sistema Único de Saúde (SUS), destacou os transtornos mais presentes em crianças, adolescentes e jovens durante os anos de 2013 a 2023: nas faixas etárias de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos, prevalecem a ansiedade e a depressão; entre 20 e 24 anos, predomina a ansiedade.

POR

[Vlândia Jucá

Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Psicologia pela UFC, mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutora em Saúde Coletiva pela UFBA e pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Os educadores se sentem sensibilizados e, ao mesmo tempo, impotentes diante do sofrimento psíquico dos seus alunos.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em parceria com o Ministério da Saúde (IBGE, 2021), apresenta também dados relevantes que fundamentam a urgência da promoção da saúde mental nas escolas. Neste estudo, a saúde mental foi avaliada a partir de cinco sentimentos: o sentimento de preocupação com as coisas comuns do dia a dia, o sentimento de tristeza, o sentimento de que ninguém se preocupa com ele/ela; o sentimento de irritação, nervosismo ou mau humor e o sentimento de que a vida não vale a pena ser vivida. Destacam-se, do estudo realizado, os seguintes dados: entre escolares de 13 a 17 anos, 31,4% afirmaram terem se sentido tristes na maioria das vezes ou sempre; 40,9% dos adolescentes se sentiram irritados, nervosos ou mal humorados na maioria das vezes ou sempre e 21,4% afirmaram ter o sentimento de que a vida não vale a pena na maioria das vezes ou sempre.

Como a escola é o espaço no qual crianças e adolescentes passam boa parte do seu dia, os problemas de saúde mental dos estudantes costumam se apresentar nela. Os pedidos de ajuda das escolas ao setor de saúde e à universidade são frequentes. Os educadores se sentem sensibilizados e, ao mesmo tempo, impotentes diante do sofrimento psíquico dos seus alunos. Por outro lado, a escola também aparece como espaço gerador de sofrimento uma vez que agrega questões sociais maiores, como o racismo estrutural, a desigualdade social, a homofobia, dentre outras. Tais questões estão presentes no bullying, frequentemente destacado como um importante fator no adoecimento mental dos estudantes.

Como a escola é o espaço no qual crianças e adolescentes passam boa parte do seu dia, os problemas de saúde mental dos estudantes costumam se apresentar nela. Os pedidos de ajuda das escolas ao setor de saúde e à universidade são frequentes. Os educadores se sentem sensibilizados e, ao mesmo tempo, impotentes diante do sofrimento psíquico dos seus alunos. Por outro lado, a escola também aparece como espaço gerador de sofrimento uma vez que agrega questões sociais maiores, como o racismo estrutural, a desigualdade social, a homofobia, dentre outras. Tais questões estão presentes no bullying, frequentemente destacado como um importante fator no adoecimento mental dos estudantes.

Diante destas dificuldades, a escola tem encaminhado crianças e adolescentes para os Centros de Atenção Psicossocial à Infância e à Adolescência. No entanto, os encaminhamentos não têm sido resolutivos para os problemas vividos na escola e têm agravado a superlotação dos serviços. Outro modo de trabalhar passa pelo estreitamento das relações entre a saúde e a educação em um diálogo intersetorial que não se restringe aos encaminhamentos. É possível cuidar antes que o sofrimento psíquico se apresente ou se agrave. O nome deste cuidado ampliado é promoção da saúde mental no contexto escolar.

2/

Conhecendo o problema**A IDEIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE SURGE ENTRE AS DÉCADAS DE 80 E 90 DO SÉCULO 20 NO CANADÁ, NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA ORIENTAL.**

A primeira Conferência Internacional sobre o tema, ocorrida em Ottawa (1986), lançou os princípios da promoção da saúde (Czeresnia, 2003). A Carta de Ottawa defende a atuação em cinco campos: elaboração e implementação de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes favoráveis à saúde; reforço da ação comunitária; desenvolvimento de habilidades pessoais; e reorientação do sistema de saúde.

Na perspectiva da promoção da saúde, esta não é apenas ausência de doença, e o cuidado não deve ficar restrito à prevenção de doenças específicas. Além disso, esta perspectiva concebe a saúde como um direito fundamental e objetiva assegurar o acesso às políticas públicas que são promotoras de qualidade de vida, sendo uma forte aliada dos direitos humanos e incentivando o trabalho conjunto da atenção básica na saúde com outras políticas públicas. Desta forma, a promoção da saúde mental infantojuvenil é um capítulo de uma história maior.

No Brasil, o debate em torno da promoção da saúde no contexto escolar desponta com o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto 6.286/2007 (Brasil, 2007). Trata-se de uma ação estratégica e intersetorial que envolve os Ministérios da Saúde e da Educação (Programa Saúde na Escola, 2024). O PSE tem como objetivo a promoção da saúde nas escolas e, entre outras ações, inclui aquelas voltadas para a saúde mental de crianças e adolescentes.

Como o Brasil é um país de grande extensão territorial e heterogêneo no que diz respeito à implementação e à operacionalização do PSE, há relatos de experiências bem-sucedidas, mas também críticas sobre como o programa tem se efetivado. Estudos que avaliam o PSE têm destacado as dificuldades inerentes na execução de um trabalho intersetorial, a grande ênfase na prevenção no lugar da promoção e a priorização da transmissão de informações no lugar de prevalecer a escuta e o diálogo (Oliveira, 2021).

De modo similar ao observado na promoção da saúde em geral, a promoção da saúde mental, seja na escola ou em outros equipamentos territoriais e comunitários, parte do compromisso de cuidar antes que o adoecimento ocorra. Para a promoção da saúde mental interessa menos os transtornos diagnosticados com base nos sistemas de classificação médicos, e mais o sofrimento psíquico e seus determinantes sociais. O sofrimento psíquico é uma categoria utilizada para valorizar a experiência do adoecimento, considerando tanto a singularidade de cada pessoa quanto os determinantes socioculturais.

A promoção da saúde mental encontra na Estratégia de Saúde da Família e nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) seus principais pontos de ancoragem no SUS. Todavia, para se fazer promoção de saúde são necessários o diálogo e o trabalho conjunto com outros setores. Quando se trata de crianças e adolescentes, especificamente, destacam-se os seguintes setores a serem considerados: a Educação, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e a Justiça.

3 /

Glossário

> Saúde Mental

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), “saúde mental é um estado de bem-estar mental que permite que as pessoas lidem com o estresse da vida, percebam suas habilidades, aprendam, e trabalhem e contribuam para sua comunidade”. A saúde mental é um objeto complexo e tem determinantes biológicos, sociais e culturais. A fome, o racismo, as relações de gênero, a presença de violência extrema no território onde se habita são exemplos de determinantes sociais e culturais da saúde mental. No caso de crianças e adolescentes, a faixa etária precisa ser considerada. Portanto, ter ou não saúde mental não depende apenas do indivíduo, mas exige uma análise cuidadosa dos contextos de vida e da presença/ausência de redes formais e informais de proteção e cuidado.

> Promoção da saúde mental

Quando pensamos na promoção da saúde (geral e mental) de crianças e adolescentes, é preciso fazer valer a doutrina da proteção integral, na qual se ancora o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). A saúde é um setor importante na promoção da saúde mental, mas tem seus limites. Para acontecer essa promoção, a intersetorialidade, ou seja, o trabalho em rede entre setores diversos é imprescindível. De modo particular, o trabalho da promoção da saúde mental nas escolas parte do reconhecimento do valor da palavra de crianças e adolescentes e da importância do “adulto de referência” (Teixeira; Ferreira e Couto, 2021) para escutá-las, realizar atividades promotoras de confiança e solidariedade, mediar conflitos e agenciar a construção das redes de proteção e assistência, quando necessário.

> Medicalização da Vida

A medicalização da vida é um processo por meio do qual as dificuldades da vida cotidiana são tratadas como problemas de saúde a serem resolvidos por profissionais da área. Rapidamente, dificuldades de concentração, tristeza, aceleração, agitação e medo da violência são lidos como sinais de transtornos mentais. Assim, proliferam os diagnósticos e, com eles, são prescritas medicações psiquiátricas, sem que se tenha, muitas vezes, realizado uma análise psicossocial da criança e do adolescente, em seu contexto de vida. Por exemplo, quando uma criança está com dificuldade de concentrar-se na aula, antes de levantar uma hipótese diagnóstica, é necessário saber das suas condições concretas de vida, da sua relação com os colegas de sala, do seu contexto familiar e comunitário, além de avaliar se a criança se encontra submetida a alguma forma de violência. Se não é realizada esta problematização, o diagnóstico e os medicamentos podem estar silenciando a criança e o adolescente, colocando um ponto final onde deveria existir uma interrogação. Sobre o uso indiscriminado de medicações, temos grupos populacionais mais vulneráveis do que outros. Dentre os mais atingidos, estão as crianças em idade escolar (Brasil, 2019).

Rapidamente, dificuldades de concentração, tristeza, aceleração, agitação e medo da violência são lidos como sinais de transtornos mentais.

4 /

Evidências disponíveis

METODOLOGIA DE ANÁLISE DA LITERATURA

Nesta Síntese de Evidências foram utilizados artigos científicos com estudos teóricos, revisões de literatura e pesquisas de natureza empírica identificados nas seguintes bases de dados: Scielo, Portal de Periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de busca utilizados foram: artigos publicados nos últimos cinco anos, em língua portuguesa ou inglesa e disponíveis na íntegra.

Iniciamos pela procura mais abrangente, conjugando os termos “saúde mental” e “escola” e encontramos o quantitativo de 402 artigos em português e 645 artigos em inglês na BVS, 1.848 em português e 328 em inglês no Portal da CAPES e 179 publicações em português e 55 em inglês indexadas ao Scielo. Ao realizarmos a mesma busca com os descritores em língua inglesa – “*mental health*” e “*school*”, encontramos na BVS 3.310 artigos em inglês; na CAPES 27.643 em inglês, sendo que 771 produções versavam sobre pesquisas nacionais, e no Scielo 373 textos (205 em inglês e 168 em português). Pela quantidade de material disponível, foi necessário recortar com os seguintes descritores: “promoção”, “saúde mental”, “escola” e “estudante”.

Decidimos nortear a busca com esses termos a fim de nos centrarmos nos estudos que tratam das ações de promoção da saúde mental dos estudantes no contexto da educação básica. Encontramos 32 artigos na BVS; 44 no Portal da CAPES e nenhum no Scielo. Em decorrência do número encontrado, ficamos apenas com a produção em língua portuguesa, com relatos de pesquisas desenvolvidas no Brasil. À vista disso, selecionamos 45 artigos para leitura e, feita a primeira análise, retiramos os textos que versavam sobre formação de professores para promoção da saúde, medidas de avaliação da saúde mental, educação em saúde mental e temas específicos, como a identificação de práticas de autolesão e depressão na escola, suicídio e pandemia. Feitas as exclusões, ficaram nove artigos dedicados ao relato de experiências, à revisão bibliográfica das práticas de promoção da saúde mental na escola e ao relato e às reflexões sobre o Programa Saúde na Escola.

A tabela abaixo apresenta os artigos que serviram como base para esta Síntese de Evidências:

Quadro 1 - Artigos selecionados para análise

Título	Ano de Publicação	Autores	Periódico
Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial	2024	Bruno Diniz Castro de Oliveira Maria Cristina Ventura Couto Gabriela Sadigurschi Gabriel Prata Gonçalves Sardinha Pedro Gabriel Godinho Delgado	Physis: Revista de Saúde Coletiva



Continuação

Título	Ano de Publicação	Autores	Periódico
Abordagens em saúde mental para crianças no ambiente escolar: um relato de experiência	2024	Daiana Evangelista Rodrigues Fernandes, Ellen de Moraes Guedes, Arghia Gigli de Souza, Isabela Pimentel Ferreira, A. Cunha	Revista de Atenção Primária à Saúde (APS)
Estratégias para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes no contexto escolar: uma revisão sistemática	2024	Danielle Boing Bernardes Silva, Ana Izabel Jatobá de Souza, Helena Moraes Cortes, Francine Lima Gelbcke	Revista Contribuições às Ciências Sociais
Interdisciplinaridade entre saúde e educação: Programa Saúde na Escola e suas implicações para a qualidade de vida dos estudantes	2023	Fernanda Crestina Leitenski Delela, Marina Elias Rocha, C Silva, Maria Auxiliadora Vieira do Carmo, Domingos José dos Santos, Marco Tulio Soares Menezes, Luiz Eduardo de Almeida, Marcelo Antônio de Souza Silva, Kennedy Ferreira Lales, José Mário Delaiti de Melo, Thiago Souza de Oliveira	<i>Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences</i>
Promoção da saúde mental na escola: diga não ao cyberbullying	2023	Tiffany Fontenele Oliveira, M.V. Silva, A. Rodrigues, Maria Thomazia De Carvalho Magalhães, Vitória Rodrigues Chagas, Eliany Nazaré Oliveira	Revista Extensão em Foco
Programa Nacional Saúde na Escola como Ferramenta para o Bem-Estar e Aprendizagem dos Estudantes	2023	Thamyres Maria Silva Barbosa, Carolina Sharon Borges Soares, Edelino Alves Dos Santos, Henrique Cananosque Neto, Moacir Andrade Ribeiro Filho, Pámella Arrais Vilela, Rodrigo Euripedes Da Silveira, Victoria Celeste Sena Soares	Revista Contemporânea
Práticas de promoção e educação em saúde mental para crianças do ensino primário	2023	Thaís Azevedo dos Santos, Letícia Pinho Gomes, Érika Maria Neif, M. Freitas, M. H. Afonso, Marcos Vítor Naves Carrijo	<i>Brazilian Journal of Health Review</i>



Continuação

Título	Ano de Publicação	Autores	Periódico
A terapia ocupacional na promoção da saúde mental de adolescentes de uma escola pública	2022	Thaís Thaler Souza, Mayara Soler Ramos Mazak, Marina Speranza, Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes, Maria Fernanda Barboza Cid	Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social
Reflexões sobre promoção de saúde na escola: invenções e possibilidades de uma extensão universitária	2022	Maryana De Castro Rodrigues, Ingrid Moraes de Siqueira, Vitória Ramos Santana, Juliana Caminha, Vivyan Karla Do Nascimento Pereira da Silva	Revista DESidades

Fonte: elaborado pela autora.

5 / Resultados

O PROGRAMA DE SAÚDE NA ESCOLA: POTÊNCIAS E DESAFIOS

O Programa de Saúde na Escola (PSE) é importante na promoção da saúde no contexto escolar brasileiro, impulsionando uma política intersetorial que envolve a saúde e a educação básica. Este programa se desenvolve a partir de oito diretrizes, e, embora nenhuma delas se destine à saúde mental, o tema aparece entre os desafios a serem enfrentados (Fernandes *et al.*, 2023).

Dentre as ações preconizadas no Decreto que instituiu o PSE, encontramos temas que concernem ao campo da saúde mental, como avaliação psicossocial, prevenção e redução do uso de álcool e prevenção do uso de drogas. Interessante pontuar que a saúde mental tinha, naquele momento, um acento na preocupação com o uso de álcool e outras drogas.

Acerca das conquistas obtidas com o PSE, em uma revisão integrativa sobre o Programa, Delela *et al.* (2024) comentam:

O PSE é uma iniciativa crucial, pois promove uma abordagem interdisciplinar e intersetorial que envolve tanto a escola quanto outros setores da comunidade. Os estudos apontam uma série de benefícios associados ao programa, tais como o fortalecimento dos vínculos entre saúde e educação, o acompanhamento da saúde dos alunos e a formação de parcerias comunitárias. Esses resultados evidenciam a relevância do PSE como uma estratégia integrada para promover o bem-estar dos estudantes. (Delela et al., 2024, p. 1437)

Por outro lado, como destacam as autoras, os desafios são muitos, com destaque para a escassez de recursos e o conhecimento limitado sobre o programa, sobretudo por profissionais da educação. Outro ponto frágil é o desenvolvimento do PSE por meio de um prisma intersetorial com elaboração, implementação e avaliação conjunta das ações.

Sobre os profissionais da saúde, é fundamental que trabalhem na lógica da gestão compartilhada, estabelecendo parcerias mais longevas com a educação, por meio das quais as práticas de promoção da saúde serão pensadas conjuntamente. Deste modo, será possível superar as práticas pontuais, como as palestras durante o setembro amarelo (Fernandes *et al.*, 2023). Acompanhamento e ações longitudinais são muito mais eficazes na promoção da vida e na prevenção do suicídio e da violência. Neste sentido, a escolha de metodologias mais participativas que consigam trabalhar as necessidades dos estudantes a partir de demandas locais favorecem o trabalho conjunto.

Como é possível perceber, o aprimoramento do PSE passa pela atualização do programa e pela formação dos profissionais por meio de ações de educação continuada que coloquem os responsáveis dos dois setores envolvidos em trabalho conjunto e acompanhado. A estratégia do matriciamento em saúde mental pode ser aplicada neste contexto e, para fins de formação, as universidades podem contribuir no fazer conjunto e matricial entre profissionais da educação e da saúde.

ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS

Em uma revisão sistemática das estratégias para a promoção da saúde mental nas escolas (Silva *et al.*, 2024), foi possível destacar alguns caminhos relativamente eficazes, como a literacia – letramento ou alfabetização em saúde mental –, o desenvolvimento das competências socioemocionais, e a aprendizagem social e emocional. Além disso, Silva *et al.* (2024) recomendam a combinação de estratégias presenciais e remotas de promoção da saúde mental.

Sobre a literacia, especificamente, o trabalho das autoras traz a seguinte observação: “a literacia em saúde mental capacita pais com pouca alfabetização nessa área a reconhecer e abordar questões de saúde mental com seus filhos” (2024, p. 23). Não obstante a transmissão de informações seja um ponto importante na promoção da saúde mental, as estratégias defendidas no artigo apostam no treinamento de habilidades. Está ausente, portanto, a leitura do sujeito no território em que habita, circula e estuda, além da valorização do protagonismo dos atores escolares no mapeamento das questões de saúde mental e a construção de saídas mais coletivas.

Encontramos outra perspectiva de promoção da saúde mental nos artigos de Rodrigues *et al.* (2021), Souza *et al.* (2022) e Oliveira *et al.* (2024). Este último constrói sua discussão a partir de grupos focais desenvolvidos em uma escola pública no município do Rio de Janeiro. Por meio da análise dos grupos, os autores perceberam que os conflitos e a violência na escola e no território são apontados como os principais fatores de sofrimento e sobrecarga física/emocional para os docentes. A solução de conflitos recorrendo à violência acaba por alimentar e dar um desfecho negativo aos problemas presentes nas relações entre alunos, entre alunos e professores, entre as famílias e a escola e na própria comunidade, de modo mais ampliado.

Os próprios professores destacam a necessidade de mais diálogo entre contextos socioculturais diversos, a fim de que haja maior aproximação do cotidiano dos estudantes e de seus familiares. Assim, as alternativas propostas pelos professores passam, inicialmente, pelo reconhecimento da diferença ou da alteridade por intermédio de uma postura aberta à compreensão do outro. Requerem, ainda, esforços no sentido de ampliar as parcerias intersetoriais, posto que, para situações complexas e multideterminadas, a escola não tem sozinha os recursos necessários para realizar o enfrentamento e a resolução dos problemas. Justo pela dimensão e pela complexidade das questões com as quais os professores se deparam e pela ausência das respostas intersetoriais, os docentes acabam centralizando o trabalho com os alunos nos processos acadêmicos. Esta é uma forma de defesa diante da impotência experienciada.

As estratégias indicadas por Oliveira *et al.* (2024) para o avanço da promoção das saúdes nas escolas são: criar canais de comunicação que permitam reconhecer as particularidades e necessidades das crianças, dos adolescentes e dos seus familiares nos territórios em que habitam/circulam; fomentar as iniciativas de participação social com o envolvimento dos estudantes e suas famílias; e o fortalecimento das ações intersetoriais.

Além das experiências apresentadas nos artigos científicos elencados para o estudo, vale destacar o Modelo de Apoio à Transição (MAT) do 5º para o 6º ano do ensino fundamental, desenvolvido por Dantas, Silveira e Jucá (2021), no qual encontramos os elementos fundamentais para um trabalho de promoção da saúde no contexto escolar.

Por reconhecer que a transição do 5º para o 6º ano é um destes momentos mais sensíveis, o Modelo de Apoio à Transição (MAT) foi desenvolvido em Pojuca (BA)

Como afirmado na introdução, tanto a passagem da infância para a adolescência quanto as mudanças de ciclo escolar são momentos nos quais os índices de transtornos mentais diagnosticados são maiores.

Por reconhecer que a transição do 5º para o 6º ano é um destes momentos mais sensíveis, o MAT foi desenvolvido no município de Pojuca, cidade localizada na região metropolitana de Salvador. O modelo busca facilitar a transição por meio de 3 eixos: 1) promover o pertencimento dos estudantes ao ensino fundamental anos finais – quando geralmente acontece a mudança de escola; 2) apoiar os estudantes na transição da infância para a adolescência; 3) facilitar a construção de novas formas de relação com o conhecimento.

Em sua execução, o MAT envolveu ações de aproximação entre as escolas e os professores de 5º e 6º ano; estratégias para o acolhimento dos estudantes e seus responsáveis; diagnóstico inicial para ajuste de planejamento das unidades letivas; enturmação em formato específico para os ingressantes; além do Grupo de Apoio ao Estudante (GAE) – uma ferramenta de acompanhamento e diálogo com os ingressantes que lida com temas sensíveis à adolescência, ao pertencimento e à relação com o conhecimento. O modelo tem como uma das suas ferramentas principais o mapeamento e a construção de redes intrasetoriais (dentro do setor educação) e das redes intersetoriais (educação-saúde-assistência social-justiça). O MAT é um exemplo de uma experiência bem-sucedida de promoção da saúde mental.

ATIVIDADES COLETIVAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

A promoção da saúde mental se norteia pela integralidade, um dos princípios do SUS. Para alcançar esse princípio é necessário compreender o sujeito em seu contexto social, histórico, econômico, territorial, além da dimensão biológica (Rodrigues *et al.*, 2021).

Rodrigues *et al.* (2021) afirmam se tratar de um trabalho no qual prevenção, tratamento e reabilitação estão presentes, mas em que se objetiva também a “promoção de novas formas, outras possibilidades de vida” (p. 210). Tal potência criadora possibilita inventar novos sentidos, bem como dispositivos de valorização da existência a partir do pertencimento a uma coletividade.

Esta é uma forma interessante de definir a promoção da saúde mental. Além do básico – prevenir, tratar, reabilitar e produzir qualidade de vida – agrega a criatividade como elemento essencial na produção de outros modos de existir na relação com os outros. Para tanto, reforçamos a importância da instituição de espaços que vão além da realização de palestras – as quais são válidas e oportunas, mas não englobam a totalidade dos mecanismos de transmissão de conhecimento, que podem ser também por meio de rodas de conversas e outras estratégias dialógicas que permitem mais escutas e diálogos. Espaços lúdicos, culturais e artísticos, como o teatro, promovem ambientes que favorecem a criação de vínculos e de relações de confiança que permitem maior expressão dos afetos e das dificuldades vividas por crianças e adolescentes.

Os grupos e as oficinas são estratégias privilegiadas para a promoção da saúde mental no contexto escolar (Rodrigues *et al.*, 2021). Na construção das estratégias utilizadas, destaca-se a importância do diálogo com os atores escolares, na perspectiva de incluí-los na identificação dos problemas e na construção de soluções para as questões identificadas.

A promoção da saúde mental exige uma atuação conjunta entre os profissionais de saúde e a comunidade escolar, a qual se inicia na elaboração da proposta a ser implementada no ambiente educacional. Em outras palavras, é preciso sensibilidade ao entrar na escola. É fundamental conhecer o espaço e as necessidades da comunidade escolar. Podem ser úteis entrevistas com os vários atores que compõem a escola e a realização de momentos de trocas mais coletivas. As rodas de conversa com estudantes, professores, gestão e pais têm sido um caminho fértil. De qualquer sorte, quando se trata da saúde entrando na escola, é fundamental reservar um tempo para permanecer na instituição e interagir com sua comunidade.

6 /

Recomendações

A ESCOLA É UM LUGAR PRIVILEGIADO PARA A REALIZAÇÃO DE AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. No entanto, para realizar a tarefa, a instituição escolar precisa estabelecer alianças com os sistemas de proteção e assistência, por meio dos equipamentos e atores que os compõem. **Não existe promoção da saúde mental infantojuvenil sem redes intrasetoriais e intersetoriais.** Apresentaremos, a seguir, recomendações de estratégias, a partir dos equipamentos de educação, objetivando o fortalecimento das redes citadas. As recomendações estão divididas entre as que se destinam às políticas públicas (considerando o apoio que podem fornecer aos equipamentos educacionais) e as que são dirigidas às escolas.

> Recomendações para a construção de políticas públicas:

- 1)** Criar políticas federais/estaduais de incentivo para estudos que abordem a escola de modo mais integrado aos contextos socioculturais em que se inserem a fim de: a) conhecer os territórios onde habitam e circulam seus estudantes, com seus recursos e suas dificuldades; b) mapear possíveis espaços e equipamentos para a construção de redes intersetoriais; c) construir projetos para movimentar o trabalho em rede.
- 2)** Propor editais para a realização de projetos, por meio dos quais as universidades possam, em parceria com as escolas (rede intrasetorial), apoiar o estabelecimento de uma cultura de promoção da saúde na escola de natureza intersetorial. É fundamental que sejam projetos abertos para que a construção aconteça junto à escola, no lugar de soluções prontas e descontextualizadas. O modelo de apoio matricial do SUS pode servir de inspiração.
- 3)** Investir em estratégias destinadas a fornecer subsídios para que a escola possa realizar o trabalho territorial, sobretudo no que diz respeito aos deslocamentos necessários e contabilizando as atividades de mapeamento e construção de redes como parte integrante e fundamental do trabalho.
- 4)** Instituir políticas de incentivo no âmbito das secretarias municipais de educação para a criação de fóruns intersetoriais que envolvam os atores da rede de proteção e assistência a crianças e adolescentes.
- 5)** Pensar estratégias que valorizem e incentivem os trabalhos de redução de danos, e que considerem a parceria entre as escolas e os CAPS para o cuidado dos usuários de álcool e outras drogas.
- 6)** Criar modos de levantamento das experiências bem-sucedidas de enfrentamento ao racismo, à discriminação de gênero e de orientação sexual.
- 7)** Desenvolver políticas, em âmbito nacional, que priorizem a inserção e a permanência de pessoas com deficiência e trabalhem para reduzir a desigualdade social.

> Recomendações para a promoção da saúde mental no contexto escolar:

- 1)** Realizar conversas com os estudantes sobre os direitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e sobre a rede a qual podem recorrer nos casos de violação destes direitos. De preferência, convidar profissionais da rede para colaborar participando de espaços coletivos.
- 2)** Desenvolver ações intersetoriais de promoção da saúde, sensíveis aos determinantes sociais da saúde, inclusive com projetos cujo cerne seja o enfrentamento às diversas formas de violência presentes no cotidiano escolar.
- 3)** Realizar ações que fortaleçam os laços de solidariedade entre os membros da escola e destes com as comunidades – aquela onde está a escola, bem como aquelas que abrigam os estudantes.
- 4)** Implementar estratégias para maior aproximação com as famílias, para além das reuniões de pais. Nesta direção, a promoção de atividades culturais, de esporte e de lazer podem ser uma via interessante, desde que se considerem as realidades socioculturais das famílias envolvidas.
- 5)** Fortalecer o protagonismo dos estudantes, criando com eles espaços para o exercício da cidadania e do diálogo com a gestão. A assembleia de alunos e o fortalecimento dos espaços de representação estudantil são fundamentais nesse sentido.
- 6)** Desenvolver ações de proteção aos direitos de crianças e adolescentes com a rede intersetorial na qual a escola representa um dos setores envolvidos.

As recomendações acima, sobretudo as destinadas às escolas, são sugestões para implementar, iniciar ou fortalecer a promoção da saúde no contexto escolar. Destacamos que a parceria entre pesquisadores e professores extensionistas é um caminho interessante para fortalecer as ações necessárias à promoção. De toda forma, qualquer parceria auxiliará apenas se estiver afinada com a promoção da saúde na perspectiva da atenção social. No mais, pela abrangência da promoção da saúde, muitas lutas coletivas são necessárias, afinal, também estamos falando de direitos humanos.

EXPEDIENTE**D³e – DADOS PARA UM DEBATE
DEMOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO***Olivia Silveira
Diretora Executiva**Clarissa Kowalski
Coordenadora de Comunicação
Institucional*

Referências bibliográficas

BARBOSA, T. *et al.* Programa Nacional Saúde na Escola como Ferramenta para a Promoção do Bem-Estar e Aprendizagem dos Estudantes. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 8, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-024>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASIL. Decreto nº 6.286 de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE e dá outras providências. Brasília, 06 dez. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 4 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos. **Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_medicalizacao_recomendacoes_estrategia_1ed.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico nº 52, de 04 de junho de 2021. **Boletim Epidemiológico**, Brasília, v. 52, jun. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_21.pdf/view. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 25 nov. 2024.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. de (Orgs). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DANTAS, L. M. V.; SILVEIRA, O. M. C.; JUCÁ, V. S. Transição de estudantes para o ensino fundamental 2: um modelo de apoio. **Nexo Políticas Públicas**, 29 jul. 2022. Disponível em: <https://pp.nexojournal.com.br/ponto-de-vista/2022/07/29/transicao-de-estudantes-para-o-ensino-fundamental-2-um-modelo-de-apoio>. Acesso em: 29 nov. 2024.

DELELA, F. C. L. *et al.* Interdisciplinaridade entre saúde e educação: Programa Saúde na Escola e suas implicações para a qualidade de vida dos estudantes. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 1433-1443, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1843>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FERNANDES, A. D. *et al.* A “**indústria do autismo no contexto brasileiro atual**”: contribuição ao debate. Material Técnico, 2024. Disponível em: https://ugc.production.linktr.ee/ba2a6db8-d412-44b3-ac90-8e4255c2266b_A-ind-stria--do-autismo-no-contexto-brasileiro-atual--contribui--o-ao-debate.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

FERNANDES, D. *et al.* Abordagens em saúde mental para crianças no ambiente escolar: um relato de experiência. **Revista de APS**, v. 26, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/e262340624>. Acesso em: 25 nov. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019**. IBGE: Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KIELING, C. *et al.* WorldWide prevalence and disability from mental disorders across childhood and adolescence: evidence from the global burden of disease study. **JAMA psychiatry**, v. 81, n. 4, p. 347-356, 2024. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/2814639>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MARIANI, D. *et al.* Registros de ansiedade entre crianças e adultos superam os de adultos pela 1ª vez no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 mai. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/05/registros-de-ansiedade-entre-criancas-e-jovens-superam-os-de-adultos-pela-1a-vez.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2024.

TEIXEIRA, M. R.; FERREIRA, A.O; COUTO, M.C.V. Atenção Psicossocial e Promoção da Saúde Mental nas Escolas. In: FERNANDES, A. D. S. A; TAÑO, B. L.; CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S. **Saúde Mental de Crianças e Adolescentes e Atenção Psicossocial**. Santana de Paraíba [SP]: Manole, 2021, p. 31-47.

OLIVEIRA, T. *et al.* Promoção da saúde mental na escola: diga não ao cyberbullying. **Extensão em Foco**, n. 31, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/86645>. Acesso em: 25 nov. 2024.

OLIVEIRA, B. D. C. **Promoção da Saúde Mental de Crianças e Adolescentes na Rede Escolar**: desafios para a atenção psicossocial e a intersectorialidade. 2021. 200f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, B. *et al.* Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434077pt>. Acesso em: 25 nov. 2024.

OMS. **Saúde Mental**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 2 out. 2024.

Programa Saúde na Escola. Desenvolvido pelo Ministério da Educação, 2022. Apresenta o Programa Saúde na Escola. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/programa-saude-na-escola-pse>. Acesso em: 2 out. 2024.

RODRIGUES, M. *et al.* Reflexões sobre promoção de saúde na escola: invenções e possibilidades de uma extensão universitária. **DESidades**, n. 31, p. 207-219, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2318-92822021000300013&script=sci_abstract. Acesso em: 25 nov. 2024.

SANTOS, T. *et al.* Práticas de promoção e educação em saúde mental para crianças do ensino primário. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 4, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/62180>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, D. *et al.* Estratégias para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes no contexto escolar: uma revisão sistemática. **Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 17, n. 5, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6625>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SOUZA, T. *et al.* A terapia ocupacional na promoção da saúde mental de adolescentes de uma escola pública. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 10, n. 2, p. 388-398, 2022. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/6152>. Acesso em: 25 nov. 2024.

A SÍNTESE DE EVIDÊNCIAS é um documento que reúne dados, informações e evidências científicas, publicadas no Brasil e no mundo, sobre políticas educacionais. Para organizá-la, é adotada uma metodologia robusta para o levantamento e sistematização das evidências: escolha de artigos que sejam referência no campo internacional (altas taxas de citação), publicados em revistas reconhecidas internacionalmente (de acordo com rankings acadêmicos de prestígio) e pertencentes a diferentes áreas de conhecimento (como educação, administração pública e economia, dentre outros).

Entendemos, porém, que toda metodologia possui restrições e, com o intuito de colaborar para o debate democrático das políticas educacionais, avaliamos que é central declarar a ciência de que há limitações nesta síntese, intrínsecas a qualquer estudo de cunho acadêmico. Neste sentido, não pretendemos esgotar toda a literatura nem apresentar uma síntese exaustiva ou conclusiva. Ao contrário, nosso intuito é oferecer um material robusto para auxiliar os gestores na tomada de decisões e fomentar o debate baseado em evidências, que pode e deve ser complementado por outras perspectivas.



O D³e - DADOS PARA UM DEBATE DEMOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO É UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL,

sem fins lucrativos, que busca aproximar conhecimento técnico e científico dos tomadores de decisão no campo das políticas públicas educacionais brasileiras, contribuindo para qualificar as tomadas de decisão. A fim de enriquecer o debate educacional e influenciar positivamente a mudança do cenário no país, estimulando o uso de dados e evidências científicas. Desde 2018 o D³e elabora relatórios que consolidam aprendizados sobre tópicos educacionais no Brasil e no mundo, originados de pesquisas e artigos acadêmicos; dissemina conteúdos qualificados para educadores, gestores públicos, congressistas, membros da academia e da sociedade civil e promove debates e discussões a respeito de temas sensíveis e relevantes para o campo educacional.